

<http://dx.doi.org/10.21714/19-82-25372017v11n1p7486>

## **O Destino dos Lucros nas Pequenas Empresas.**

***Gilmar Antônio Vedana***

Mestrando em Gestão e Desenvolvimento Regional na UNIOESTE

[gilmarvedana@hotmail.com](mailto:gilmarvedana@hotmail.com)

***Edison Luiz Leismann***

Professor Associado da UNIOESTE

[elleismann@hotmail.com](mailto:elleismann@hotmail.com)

***Janaine Aparecida Mignoni Bianchetto***

Professora na Faculdade de Ampére

[janaine@novicom.com.br](mailto:janaine@novicom.com.br)

***Jussieli Gregol Steinhorst***

Mestranda em Gestão e Desenvolvimento Regional na UNIOESTE

[jussieli.gregol@gmail.com](mailto:jussieli.gregol@gmail.com)

***Eliane Rodrigues do Carmo***

Pós graduada em Administração pela UNIOESTE

[li.rodriques@uol.com.br](mailto:li.rodriques@uol.com.br)

recebido em 28 de novembro de 2015

aprovado em 19 de outubro de 2016

**Resumo:** Este artigo tem o objetivo de identificar como ocorre a destinação de lucros nas pequenas empresas. A pesquisa envolveu 32 pequenas empresas varejistas do comércio de Ampére-PR. Esta é uma pesquisa exploratória, quantitativa-qualitativa. Como resultado pode-se destacar que as empresas pesquisadas decidem o destino dos lucros de forma consciente e prudente. Empresas com menos tempo de vida priorizam a retenção dos lucros e as empresas com certo tempo de vida distribuem lucros, mas retêm parte dele. Além dos fatores determinantes na decisão pela distribuição dos lucros apontados na revisão de literatura, com a pesquisa observou-se que o ramo de atividade e o tempo de existência também influenciam esta decisão. Dentre as empresas que retêm lucros, optam por reinvestir em capital de giro e na estrutura da organização.

**Palavras-chave:** Lucros. Distribuição. Reinvestimento.

### **1. Introdução.**

No atual cenário econômico que envolve as organizações, o processo decisório torna-se cada vez mais complexo e primordial para a sobrevivência empresarial, num mercado altamente competitivo e globalizado. Ambrozini (2011) destaca que, envolto nessa



problemática, está o ambiente das finanças corporativas, sendo que, as decisões são fatais, determinantes do progresso ou fracasso das organizações, visto à volatilidade econômica atual.

Quando uma empresa, seja ela, pequena, média ou grande, gera lucratividade, reflete na economia como um todo e impulsiona o emprego e crescimento econômico, além de remunerar seus investidores (SOCIO *et al*, 2014).

As empresas nascem com o principal objetivo de serem lucrativas, realizam investimentos para que este objetivo seja possível (FERNANDES, 2009). Para saber se estes investimentos estão atingindo os objetivos esperados, é importante que a contabilidade e relatórios financeiros da organização espelhem a realidade dos fatos, com o intuito de evitar distorções do resultado e facilitar a tomada de decisão (KLANN *et al*, 2007). É importante destacar que em caso de geração de lucro a empresa poderá distribuir aos sócios, porém, em casos de registro de prejuízo os sócios respondem por esse resultado na medida da participação de cada um na sociedade (SANTINI *et al*, 2015).

Uma importante decisão no contexto das finanças corporativas é a definição do destino dos lucros gerados pela organização. Para Galhardo (2012, p.1) “quando realmente é determinado que a empresa gera lucros, é preciso definir como e quando fazer a distribuição destes lucros.” Para que esta decisão obtenha uma eficiência e não comprometa a estrutura empresarial é necessário um planejamento financeiro eficaz. Esse planejamento deve compreender as necessidades atuais e futuras da organização, como: investimento, endividamento e geração de caixa (DÉCOURT, 2009).

A decisão pela distribuição de lucros proporciona o retorno esperado pelos investidores, porém, diminui a liquidez e os excedentes de fluxo de caixa da organização, impactando nas estratégias financeiras da empresa (ALMEIDA *et al*, 2015).

Não é interessante a empresa retirar todo o lucro gerado. Parte-se do princípio de que uma parte deste lucro pertence à própria organização, podendo, uma pequena parte ser retirada sem comprometer o capital de giro e as reservas para reinvestimentos (MALBAR, 2013).

Na visão de Amos e Amos (2015), há três opções de destino dos lucros: uma porção é usada para pagar impostos (impostos sobre o lucro), a segunda opção é reter esse lucro para financiar o investimento de capital e a terceira opção seria a distribuição aos investidores.

No entendimento de Ambrozini (2011, p. 11) “o lucro a ser devolvido aos acionistas é gerado quando a empresa é eficiente nas decisões de investimento, no sentido de investir recursos financeiros em projetos com valor presente líquido positivo.” O autor corrobora afirmando que se a organização não possuir bons projetos futuros ou decidir optar por financiamentos oriundos de terceiros, o lucro, nesse caso, deve ser distribuído.

Diante desses argumentos as opções de destino dos lucros são: distribuir aos sócios conforme a participação de cada um no capital social ou manter na organização para reinvestimento em capital de giro ou na estrutura da empresa (BARBOZA; CRUZ, 2010). Cabe à organização analisar as opções de acordo com sua realidade e tomar a melhor decisão para a empresa e seus proprietários.

Nas pequenas empresas, a tomada de decisão torna-se frágil mediante as variáveis que acompanham o mercado e se agravam quando unidas às variáveis internas como estrutura e dificuldade de obtenção de informações que possam definir estratégias e auxiliar nas decisões (SEBRAE SP, 2014). Neste sentido, surge a problemática: **como ocorre a destinação do lucro nas pequenas empresas?** E para responder este problema traçou-se o objetivo de identificar como ocorre a destinação de lucros nas pequenas empresas, realizando uma pesquisa no comércio varejista do município de Ampére – PR, verificando a sistemática adotada pelas organizações e quais fatores são levados em consideração para esta tomada de decisão.

O artigo está estruturado com esta introdução, na sequência a Seção 2 apresenta o embasamento teórico contendo as contribuições de autores da área acerca do assunto, expondo detalhadamente sobre lucro, distribuição de lucro e reinvestimento do lucro. Na Seção 3

descreve-se a metodologia utilizada para o estudo. Na Seção 4 encontram-se os resultados e análise e em seguida apresentam-se algumas conclusões e as referências bibliográficas utilizadas.

## 2. Referencial Teórico.

### 2.1 Lucro.

Na visão de Galhardo (2012), o lucro é o grande objetivo das empresas, mas muitos empresários não sabem afirmar o valor exato da lucratividade de suas empresas. Sabendo o valor exato do resultado de uma empresa, o empresário terá facilidade em entender as estratégias que precisa tomar para obter o sucesso empresarial.

Outro ponto que na visão do autor precisa ser bem entendido é:

Saber distinguir “saldo positivo” de “lucro” também é importante, pois assim entenderemos se uma empresa realmente está gerando bons resultados ou se simplesmente está passando por um período bom de caixa (GALHARDO, 2012, p.1).

Conforme Klann, *et al* (2007) é imprescindível que a contabilidade das organizações espelhe a realidade de suas operações, pois ocorrendo omissões de informações ou fatos, pode afetar a lucratividade das organizações e conseqüentemente a distribuição dos lucros ou reinvestimento dos lucros.

Segundo o entendimento dos autores a administração busca na contabilidade inúmeras informações pertinentes ao negócio e que auxiliam na tomada de decisão, portanto, a contabilidade deve espelhar a realidade evitando distorções e falsos dados que possam afetar o rumo das decisões.

De acordo com Fernandes (2009, p. 2):

Os bens a serem produzidos nascem pela procura dos consumidores no mercado e o investimento do produtor visa à lucratividade daquela produtividade. Com efeito, o lucro é parte do sistema mercantilista e existe para fomentar a produção de produtos necessários ao consumo humano e por ele desenvolvido. O lucro é o resultado de todo investimento da empresa em determinado produto ou produtos.

Para o autor, as empresas nascem com o principal objetivo de serem lucrativas, e para tanto, realizam investimentos para que este objetivo seja possível. Esses investimentos viabilizam a produção dos bens ou execução dos serviços que serão oferecidos à medida que os consumidores necessitem dos mesmos.

Robert (2009) traz à luz da literatura que a obtenção de lucro é o objetivo que impulsiona uma ou mais pessoas a constituírem uma sociedade. Não obstante esses empreendedores esperam a partilha desses lucros.

Braga e Braga (2007) afirmam que o lucro gerado nas empresas atinge uma magnitude que vai além de suas estruturas, afeta o mercado econômico-financeiro, gera riqueza e desenvolve o nível socioeconômico de seus empregados e acionistas, promove o desenvolvimento de outras organizações que estão ligadas à aquisição e fornecimento de insumos. Diante disso, demonstra-se a dinâmica que o lucro gerado possui.

Um dos fatores que interfere e auxilia no sucesso organizacional é a determinação do lucro pretendido com o negócio. Esse aspecto foi ponto de estudo em uma pesquisa realizada pelo Sebrae SP (2014) com empresas que encerraram suas atividades e apresentou a informação de que 50% das empresas pesquisadas não determinaram a pretensão de lucro em seu planejamento prévio.

No mesmo estudo, 37% das empresas pesquisadas mostraram-se insatisfeitas com seus negócios pela falta de lucro, destacando-se como principal motivo da mortalidade dessas organizações.

## **2.2 Distribuição de Lucros.**

Para Galhardo (2012, p.1) “quando realmente é determinado que a empresa gera lucros, é preciso definir como e quando fazer a distribuição destes lucros.”

O lucro gerado pela empresa não deve ser todo retirado ou distribuído aos sócios. Muitos empresários comprometem o capital de giro de suas empresas, retirando todo o lucro gerado ou até mais que o obtido, sendo prejudicial para a saúde financeira do negócio MALBAR (2013).

O autor enfatiza ainda mais essa situação:

Assim, não se pode retirar todo o lucro gerado pela empresa, pois uma parte pertence à própria empresa, e não ao sócio/proprietário. Controle, portanto, as retiradas pessoais, e jamais retire todo o lucro ou atinja o capital de giro. Se a empresa apresentou lucro, uma pequena parte dele poderá ser retirada sem ferir o capital de giro e a reserva para reinvestimento (MALBAR, 2013, p. 1).

Os sócios de empresas são os usuários que mais possuem interesses pelas demonstrações contábeis, pois através delas pode obter informações valiosas e dentre delas, definir a distribuição de lucros (KLANN, *et al*, 2007).

Para Fernandes (2009, p. 2) “normalmente a distribuição de lucros entre os sócios de uma empresa obedece a sistemática da proporcionalidade do capital social de cada sócio.”

Décourt (2009) aponta que o lucro a ser distribuído, quanto e quando, bem como o impacto desta decisão no valor da organização tem motivado inúmeras pesquisas, porém não obtiveram consenso. Essas pesquisas, quase em sua totalidade, estão voltadas para empresas de capital aberto e não tornaram conhecido o processo de distribuição dos dividendos.

A fim de fortalecer o exposto, Décourt (2009, p. 11) comenta:

No Brasil, o processo decisório de distribuição de lucro não é conhecido por investidores e acadêmicos. ... Além disso, não se conhece a opinião sobre a distribuição de lucros daqueles que têm poder de decisão sobre essa questão e quais aspectos são valorizados na definição do montante e da forma de distribuição de lucro aos acionistas.

O autor ainda expõe que a distribuição de lucros pode ser afetada em detrimento de diferenças culturais, legais e fiscais. Essas diferenças podem ser maiores ou menores, sendo influenciadas pelos perfis ligados à nacionalidade, regionalidade, porte, estrutura organizacional e necessidade.

Em seus estudos, Ambrozini (2011) destaca que a empresa pode decidir distribuir lucros simplesmente por não ter projetos de investimento que ofereçam um retorno maior que o esperado pelos investidores.

A empresa poderia decidir distribuir dividendos pela necessidade de reduzir a porcentagem de patrimônio líquido na sua estrutura de capital, buscando atingir a sua estrutura ótima de capital. Nesse caso, os dividendos seriam um subproduto da decisão de financiamento (AMBROZINI, 2011, p. 20).

De acordo com Barboza e Cruz (2010), na prática, a legislação brasileira ordena a distribuição ou incorporação do excesso de lucro no Capital Social da organização. Se a empresa tiver condições financeiras para distribuir os lucros e deixar de capitalizar deverá provisionar essa decisão na contabilidade como lucros a distribuir e realizar a distribuição quando possível.



Os autores lembram que a distribuição de lucros no Brasil é isenta de tributos, tanto para os sócios como para as organizações. Muitos empresários não sabem dessa isenção e o papel do contador nessas situações é de suma importância.

Um fator importante que deve ser levado em consideração é o exposto por Santini *et al* (2015), de que na sociedade os sócios compartilham não somente os lucros mas também os prejuízos que a organização gerar e este compartilhamento é limitado à participação do capital social.

Neste sentido, Schaeffer *et al* (2010) comentam que numa corporação os lucros e perdas pertencem à própria organização, representada por seus investidores. Os lucros podem ser distribuídos ou então, serem retidos na empresa para reinvestimento.

### 2.3 Reinvestimento de Lucros.

É prudente manter uma parcela do lucro obtido na própria empresa, para tanto, é necessário definir o capital que se pretende manter na organização, visando a manutenção do capital de giro necessário à sua operação e financiando a sua estrutura operacional (KLANN, *et al*, 2007).

De acordo com os estudos de Assaf Neto (2007), algumas empresas, geralmente as que possuem alta tecnologia e competitividade de mercado, ao realizarem reinvestimentos superam a geração de caixa, e com isso ocasionam rentabilidades maiores através da perpetuidade dos negócios.

Através dos entendimentos de Martins, *et al* (2009), a sobrevivência das empresas está ligada à capacidade destas realizarem a captação de recursos disponíveis e direcioná-los à negócios produtivos e rentáveis, sendo capaz de financiar o processo de expansão do negócio, promover o crescimento dos integrantes e gerar riqueza para os investidores. Uma das formas mais interessante e saudável para captar esses recursos é o reinvestimento de lucros na própria empresa, melhorando seu fluxo de capital de giro, a organização não se torna refém de capitais de terceiros, mantém-se competitiva no mercado e tem a possibilidade de melhorar sua estrutura com a entrada desses recursos.

Na opinião dos autores, a decisão de reinvestimento não é tarefa fácil, depende da decisão dos gestores, de sua visão à longo prazo, capacidade empreendedora, conhecimento das consequências e efeitos da própria decisão.

Corroborando com a conclusão dessas ideias, Martins, *et al* (2009, p. 6) afirma que:

...a taxa de crescimento, e em consequência a taxa de reinvestimento, são parcelas significativas na determinação do valor da perpetuidade de uma empresa, ou seja, quanto maior a taxa de reinvestimento do capital gerado, maior será o valor da perpetuidade da empresa.

Muitas empresas reinvestem os lucros, mas não formalizam esses atos, de forma que a contabilidade espelha um capital social totalmente defasado, assim, empresas que valem um milhão possuem capital social de 10 mil (BARBOZA e CRUZ, 2010).

Os autores destacam as consequências dessa falta de formalização:

Partindo do princípio que existe preço justo para todas as coisas e que algum dia poderiam pensar em vender nossa empresa, toda a diferença entre o capital social e o preço de venda auferida será implacavelmente tributada pelo imposto de renda (BARBOZA e CRUZ, 2010, p. 1).

Conforme os autores há outras consequências que podem prejudicar o andamento dos negócios com essa falta de formalidade, como por exemplo, a aprovação de linhas de créditos e a concorrência em licitações públicas. A formalização do aumento de capital potencializa o negócio.

Segundo estudos realizados por Amos e Amos (2015), os lucros gerados tem como destino: 40 a 50% são para pagar impostos sobre os lucros; 30 a 35% são distribuídos aos investidores; e, somente 20 a 30% são retidos e reinvestidos na própria empresa.

### 3. Método.

Este estudo foi descritivo, segundo Gil (2009) a pesquisa descritiva possui objetivo primordial descrever as características de determinada população ou o estabelecimento de relação entre variáveis. Para o autor, as pesquisas descritivas são as mais utilizadas para as organizações com a atuação prática na forma de levantamento.

O corte foi transversal em data da aplicação de 12 a 26 de setembro de 2015, sem considerar a evolução dos dados no tempo.

Este estudo é quali-quantitativo. Segundo Richardson *et.al.* (2008 p. 80), uma opinião é uma qualidade uma valoração sobre algo, porém muitos pesquisadores costumam transformar “dados qualitativos em elementos quantificáveis [...] pelo emprego de critérios, categorias, escalas de atitudes, intensidade ou grau”. Mas como aponta Goode e Hatt (1973 p. 398), a pesquisa moderna rejeita “a separação entre estudos qualitativos e quantitativos, [...] não importa quão precisas sejam as medidas, o que é medido continua a ser uma qualidade”, quando se mede uma opinião. Deste modo, quando os dados que respondem à pergunta do estudo são oriundos de opiniões, porém transformados em elementos quantificáveis por meio de escalas para assegurar uma exatidão melhor no plano dos resultados, são caracterizados como estudos quali-quantitativos.

A pesquisa contou com um questionário composto por 11 questões e envolveu 32 pequenas empresas varejistas do comércio do município de Ampére, Sudoeste do Paraná. Os dados foram tabulados, analisados e dispostos em tabelas e quadros para melhor discussão. O questionário envolveu questões voltadas à faturamento, lucratividade, destino dos lucros, periodicidade de distribuição, opção de reinvestimento e fator determinante da distribuição dos lucros, sendo realizados cruzamentos de dados entre as questões com análise destes resultados.

De posse dos dados tabulados optou-se por utilizar um software estatístico e realizar o cruzamento dos dados para assim resolver o problema proposto.

### 4. Resultados e Análise dos Dados.

A pesquisa envolveu pequenas empresas varejistas dispostas em vários ramos de atividade. Após a coleta de dados foram realizados cruzamentos entre as questões da pesquisa e os resultados tabulados e analisados são apresentados em seguida.

A Tabela 1 revela que a maioria das empresas pesquisadas realiza distribuição de lucros aos sócios, mas não distribui 100% deste valor, em média 50% do lucro é destinada ao reinvestimento na própria organização e um percentual considerável das empresas pesquisadas não distribui lucros, mantendo 100% retido na organização, recebendo somente pró-labore como remuneração para seu sustento e de sua família.

A atitude das empresas pesquisadas vem de encontro aos comentários de Malbar (2013) abordando que uma parcela do lucro é, por direito, pertencente à própria empresa. Conforme os dados coletados, as empresas além de, não retirarem 100% dos lucros procuram reinvestir no próprio negócio.

**Tabela 1: Destino dos Lucros**

<b>Destino dos Lucros</b>	<b>% de Empresas</b>
Reinvestimento e Distribuição	53,13%
Reinvestimento na Empresa	46,88%
<b>TOTAL</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaborado pelos autores. 09/2015.

No entendimento de Malbar (2013) não é financeiramente saudável retirar ou distribuir todo lucro gerado, pois comprometerá a estrutura financeira da organização, ou seja, seu capital de giro e reservas para reinvestimentos.

Partindo desse pressuposto, percebe-se que as empresas pesquisadas estão conscientes e preocupadas com sua saúde financeira, agindo com prudência na tomada de decisão de distribuição de lucros e retenção para reinvestimento.

Analisando a Tabela 2, nota-se que 50% das empresas pesquisadas (16) são do ramo de confecções, 15,6% (5) são empresas de móveis e eletrodomésticos, 6,3% (2) são supermercados, 6,3% (2) do ramo de calçados e 21,9% (7) referem-se a outros ramos como: papelaria, ótica, bazar, decorações, cosméticos, materiais elétricos.

Tabela 2: Destino dos Lucros X Ramo de Atividade

Destino dos Lucros		Ramo de Atividade					Total
		Calçados	Confecções	Supermercado	Móveis e Eletrodom.	Outro	
Distribuir e Reinvestir	% Dentro Destino dos Lucros	11,8%	47,1%	5,9%	23,5%	11,8%	<b>100,0%</b>
	% Dentro Ramo de Atividade	100,0%	50,0%	50,0%	80,0%	28,6%	<b>53,1%</b>
Reinvestir na Empresa	% Dentro Destino dos Lucros	,0%	53,3%	6,7%	6,7%	33,3%	<b>100,0%</b>
	% Dentro Ramo de Atividade	,0%	50,0%	50,0%	20,0%	71,4%	<b>46,9%</b>

Fonte: Elaborado pelos autores. 09/2015.

A Tabela 2 revela algumas peculiaridades de alguns ramos de atividade. O ramo de móveis e eletrodomésticos em sua maioria decide distribuir uma parte do lucro gerado e uma parte reter na organização para reinvestimento, o mesmo acontece com o ramo de calçados. Já os ramos de confecções e supermercados mostraram-se divididos.

A decisão pela distribuição de lucros ou reinvestimento pode ser afetada por uma série de fatores e dentre eles encontram-se a estrutura organizacional, porte e necessidade. (DÉCOURT, 2009). Mediante a pesquisa pode-se afirmar que o ramo de atividade também influencia essa tomada de decisão, até porque alguns ramos de atividade possuem lucratividade maior que outros.

Tabela 3: Destino dos Lucros X Tempo de Existência

Destino dos Lucros		Tempo de Existência da empresa					Total
		Menos de 1 Ano	De 1 a 2 Anos	De 2 a 5 Anos	De 5 a 10 Anos	Mais de 10 Anos	
Distribuir e Reinvestir	% Dentro Destino dos Lucros	5,9%	,0%	5,9%	5,9%	82,4%	<b>100,0%</b>
	% Dentro Tempo de Existência da empresa	100,0%	,0%	20,0%	20,0%	73,7%	<b>53,1%</b>
Reinvestir na Empresa	% Dentro Destino dos Lucros	,0%	13,3%	26,7%	26,7%	33,3%	<b>100,0%</b>
	% Dentro Tempo de Existência da empresa	,0%	100,0%	80,0%	80,0%	26,3%	<b>46,9%</b>

Fonte: Elaborado pelos autores. 09/2015.

Das empresas pesquisadas a maioria existe a mais de 10 anos, possuindo uma estrutura perante o mercado, uma carteira de clientes, uma imagem já consolidada e experiência em tomada de decisão no que concerne à distribuição de lucros e reinvestimento no próprio negócio.

A Tabela 3 revela que existe mais um fator que influencia a decisão pela distribuição ou não do lucro, o tempo de existência da empresa. Como pode-se notar as empresas pesquisadas

que possuem poucos anos de vida priorizam pela retenção dos lucros, provavelmente para não comprometerem seu capital de giro e fortalecer a estrutura organizacional.

Já as empresas com mais de 10 anos conseguem distribuir lucros aos sócios, pois já estão consolidadas no mercado, estruturadas, os sócios estão mais experientes e conseguem planejar melhor as estratégias competitivas.

Embora haja distribuição de lucros, comparando com as tabelas anteriores percebe-se o conservadorismo das empresas pesquisadas, que não distribuem 100% dos lucros gerados, fortalecendo a opinião de Martins, *et al* (2009) destacando que o reinvestimento de lucros na própria empresa melhora o fluxo de capital de giro, não se compromete com capitais de terceiros e se mantém competitiva.

Tabela 4: Destino dos Lucros X Faturamento

Destino dos Lucros		Faturamento mensal da empresa – R\$					Total
		Até 10.000	10.000 a 30.000	30.000 a 50.000	50.000,00 a 100.000	100.000a 200.000	
Distribuir e Reinvestir	% Dentro Destino dos Lucros	5,9%	17,6%	23,5%	35,3%	17,6%	<b>100,0%</b>
	% Dentro Faturamento mensal da empresa	100,0%	33,3%	50,0%	60,0%	75,0%	<b>53,1%</b>
Reinvestir na Empresa	% Dentro Destino dos Lucros	00%	40,0%	26,7%	26,7%	6,7%	<b>100,0%</b>
	% Dentro Faturamento mensal da empresa	00%	66,7%	50,0%	40,0%	25,0%	<b>46,9%</b>

Fonte: Elaborado pelos autores. 09/2015.

De acordo com a Tabela 4 nota-se que a maioria das empresas pesquisadas faturam mensalmente menos que 100.000,00, o que permite concluir que essas empresas se enquadram na classificação de pequeno porte.

Sebrae SP (2014), destaca que pequena empresa pode ser considerada a empresa que obtém um faturamento anual de até 3.600.000,00. Com esta informação pode-se observar que todas as empresas pesquisadas estão enquadradas como pequenas empresas.

Com a pesquisa observa-se que as empresas que faturam acima de 50.000,00, em sua maioria distribuem lucros e retém uma parte na organização para reinvestimento. Já as que faturam até 50.000,00 optam, em sua maioria, por reinvestir e não distribuir seus lucros. Realizando o cruzamento dessas informações com a Tabela 3 percebe-se que as empresas com menos tempo de existência possuem faturamento menor que as empresas com mais tempo de vida e estas últimas distribuem lucros com conservadorismo, já as mais novas e com menor faturamento retém o lucro para reinvestimento.

Tabela 5: Faturamento X Tempo de Existência

Tempo de Existência da empresa		Faturamento mensal da empresa – R\$					Total
		Até 10.000	10.000 a 30.000	30.000 a 50.000	50.000 a 100.000	100.000 a 200.000	
Mais de 10 Anos	% Dentro Tempo de Existência da empresa	5,3%	15,8%	26,3%	36,8%	15,8%	<b>100,0%</b>
	% Dentro Faturamento mensal da empresa	100,0%	33,3%	62,5%	70,0%	75,0%	<b>59,4%</b>
De 5 a 10 Anos	% Dentro Tempo de Existência da empresa	0,0%	60,0%	20,0%	20,0%	0,0%	<b>100,0%</b>
	% Dentro Faturamento mensal da empresa	0,0%	33,3%	12,5%	10,0%	0,0%	<b>15,6%</b>
De 2 a 5 Anos	% Dentro Tempo de Existência da empresa	0,0%	40,0%	40,0%	0,0%	20,0%	<b>100,0%</b>
	% Dentro Faturamento mensal da empresa	0,0%	22,2%	25,0%	0,0%	25,0%	<b>15,6%</b>





De 1 a 2 Anos	% Dentro Tempo de Existência da empresa	0,0%	50,0%	0,0%	50,0%	0,0%	<b>100,0%</b>
	% Dentro Faturamento mensal da empresa	0,0%	11,1%	0,0%	10,0%	0,0%	<b>6,3%</b>
Menos de 1 Ano	% Dentro Tempo de Existência da empresa	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	0,0%	<b>100,0%</b>
	% Dentro Faturamento mensal da empresa	0,0%	0,0%	0,0%	10,0%	0,0%	<b>3,1%</b>

Fonte: Elaborado pelos autores. 09/2015.

Galhardo (2012) lembra que faturamento não é sinônimo de lucratividade, se uma empresa possui faturamento alto, mas seus custos e despesas também são elevados, seu lucro será a sobra líquida, podendo uma pequena empresa com faturamento baixo ser mais lucrativa que uma grande empresa com faturamento elevado.

Nota-se que as empresas com mais tempo de existência possuem faturamento mais elevado, confirmando a afirmação da tabela anterior e demonstrando que, com o passar do tempo as empresas progrediram, ganhando mercado e incrementando suas vendas, logo, possuindo melhor estrutura, podem distribuir lucros sem comprometer a saúde financeira da organização.

Nas conclusões de Martins, *et al* (2009), as empresas sobrevivem se realizarem investimentos em negócios promissores, então, se estas empresas estão obtendo faturamento em ascensão tornam-se excelentes opções de investimentos.

Com os dados apresentados pode-se reforçar o entendimento discutido na Tabela 3, de que o tempo de existência das empresas interfere na decisão de distribuição ou retenção dos lucros. Outro ponto que merece destaque é que o faturamento também influencia a tomada de decisão no que concerne ao destino dos lucros.

Tabela 6: Destino dos Lucros X Periodicidade de Distribuição

Destino dos Lucros		Periodicidade da Distribuição					Total
		Mensal	Trimestral	Semestral	Anual	Não Distribuí	
Distribuir e Reinvestir	% Dentro Destino dos Lucros	41,2%	23,5%	5,9%	29,4%	0,0%	<b>100,0%</b>
	% Dentro Periodicidade da Distribuição	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	0,0%	<b>53,1%</b>
Reinvestir na Empresa	% Dentro Destino dos Lucros	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	<b>100,0%</b>
	% Dentro Periodicidade da Distribuição	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	<b>46,9%</b>

Fonte: Elaborado pelos autores. 09/2015.

Analisando a Tabela 6 confirma-se as informações da Tabela 1, ou seja, pouco mais da metade das empresas pesquisadas realizam distribuição de lucros. Dentre as empresas que distribuem 7 fazem distribuição mensal (provavelmente preferem distribuir lucros que é isento de impostos ao invés de pagar pró-labore que possui uma carga tributária elevada), 5 distribuem anualmente, 4 optam por realizar distribuição trimestral e somente uma faz distribuição semestral.

Galhardo (2012) contribui comentando que as organizações, ao contabilizarem lucro precisam definir como e quando farão a distribuição destes lucros ou reter estes valores na própria empresa como reinvestimento.

As empresas pesquisadas possuem uma diversidade na periodicidade de distribuição dos lucros, variando conforme conveniência e fatores que serão apontados na próxima tabela.

Para Fernandes (2009), normalmente a distribuição de lucros segue a proporção relativa ao capital social de cada proprietário. Na visão de Décourt (2009) o lucro a ser distribuído,

quanto e quando, bem como o impacto desta decisão no valor da organização tem motivado inúmeras pesquisas, porém não obtiveram consenso. Cabe à empresa analisar todas as variáveis que envolvem sua estrutura e saúde financeira e decidir pela opção que possui o melhor cenário.

Tabela 7: Destino dos Lucros X Opções de Reinvestimento

Destino dos Lucros		Reinvestimento			Total
		Reinvestir em Capital de Giro	Reinvestir na Estrutura	Ambos	
Distribuir e Reinvestir	% Dentro Destino dos Lucros	47,1%	35,3%	17,6%	<b>100,0%</b>
	% Dentro Reinvestimento	53,3%	50,0%	60,0%	<b>53,1%</b>
Reinvestir na Empresa	% Dentro Destino dos Lucros	46,7%	40,0%	13,3%	<b>100,0%</b>
	% Dentro Reinvestimento	46,7%	50,0%	40,0%	<b>46,9%</b>

Fonte: Elaborado pelos autores. 09/2015.

Dentre as 17 empresas que realizam a retenção de lucros para reinvestimento, 46,9% optam por reinvestir no capital de giro, 37,5% optam por reinvestir na estrutura da empresa e 15,6% adotam as duas modalidades de reinvestimento.

Diante dessas informações percebe-se a preocupação das empresas em preservar seu capital de giro, vindo de encontro com o entendimento de Rayzer (2011, p.6): “Da eficiente gestão do capital de giro, resulta uma empresa com saúde financeira, capaz de competir em um mercado cada vez mais competitivo, gerando novos empregos e colaborando com o desenvolvimento do país” (RAYZER, 2011, P.6).

Investindo na estrutura, a empresa financia o processo de expansão do negócio (MARTINS, 2009). E, combinando as duas modalidades de reinvestimento a organização estará preservando sua saúde financeira, mantendo-se competitiva no mercado.

Tabela 8: Destino dos Lucros X Fator de Distribuição

Destino dos Lucros		Principal Fator Determinante da Distribuição					Total
		Lucro	Geração de Caixa	Investimentos	Necessidade dos Sócios	Endividamento	
Distribuir e Reinvestir	% Dentro Destino Lucros	29,4%	5,9%	17,6%	41,2%	5,9%	<b>100,0%</b>
	% Dentro Principal Fator Determinante da Distribuição	100,0%	33,3%	50,0%	58,3%	16,7%	<b>53,1%</b>
Reinvestir na Empresa	% Dentro Destino Lucros	0,0%	13,3%	20,0%	33,3%	33,3%	<b>100,0%</b>
	% Dentro Principal Fator Determinante da Distribuição	0,0%	66,7%	50,0%	41,7%	83,3%	<b>46,9%</b>

Fonte: Elaborado pelos autores. 09/2015.

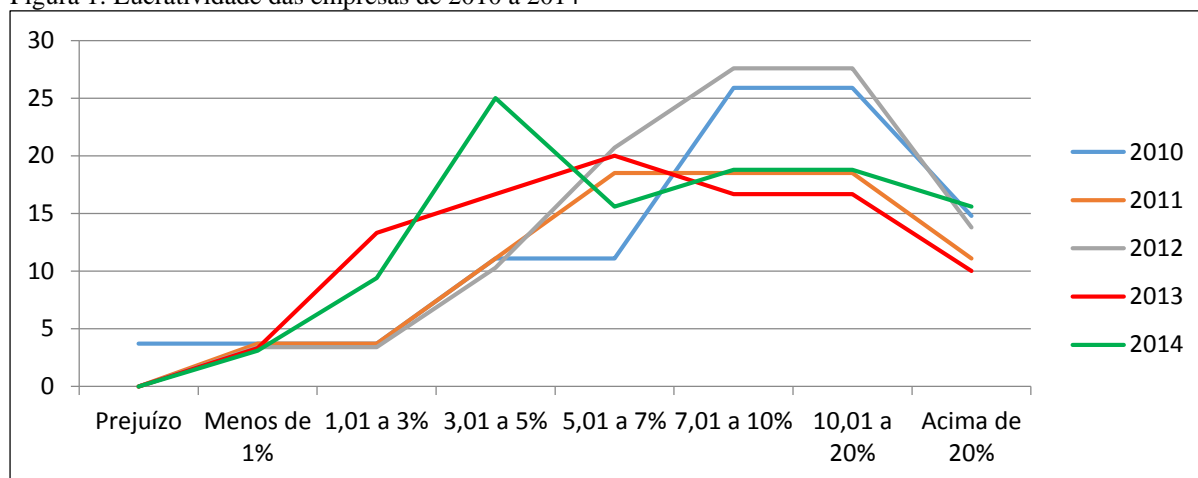
A Tabela 8 demonstra que 37,5% (12) das empresas pesquisadas atribuíram como fator decisivo na hora de definir a distribuição de lucros o fator necessidade dos sócios, o restante das empresas se dividiu nas demais opções.

Dentre as empresas que distribuem uma parte do lucro e outra parte reinvestem, consideraram dois fatores principais: Necessidade dos sócios (quando algum sócio precisa realizar algum investimento particular) e lucro, ou seja, decide pela distribuição se a empresa realmente apontou lucratividade no período.

Já as empresas que optam por somente reinvestir o lucro gerado no próprio negócio, se optassem por distribuir, também informaram que dois fatores seriam determinantes para decisão de distribuição de lucros: necessidade dos sócios (como já explicado no parágrafo anterior) e endividamento, essas empresas preocupam-se com o nível de dívidas que possuem, preferindo preparar-se financeiramente para poder quitar esses compromissos e para tanto, não realizam distribuição de lucros.

Na visão de Martins (2009), a decisão de reinvestimento não é tarefa fácil, depende da decisão dos gestores, de sua visão à longo prazo, capacidade empreendedora, conhecimento das consequências e efeitos.

Figura 1: Lucratividade das empresas de 2010 a 2014



Fonte: Elaborado pelos autores. 09/2015.

Com a Figura 1 é possível comparar a evolução ou decréscimo da lucratividade das empresas estudadas. Pode-se destacar que em 2010 66,6% das empresas obtiveram uma lucratividade acima de 7% a.a., mas em 2014 esse número despencou para 46,90%, veio decrescendo no correr dos últimos cinco anos, acompanhando os reflexos da situação econômica.

Fontes da pesquisa de Socio *et al* (2014) apontam a lucratividade de empresas européias e os maiores índices de lucratividade foram observados nas empresas alemãs e francesas com uma taxa média de lucro de 6,4% e 6%, em contrapartida os demais países europeus tiveram índices menores. Ao comparar os números percebe-se que as pequenas empresas do comércio de Ampère são mais lucrativas que as européias.

Braga e Braga (2007) entendem que a lucratividade gerada por uma organização possui uma amplitude que ultrapassa a estrutura da empresa, afetando o mercado, além de diretamente afetar empregados e proprietários.

Com a diminuição da lucratividade apresentada pela pesquisa, conseqüentemente ocorre a diminuição dos valores de distribuição de lucros e/ou reinvestimentos na organização, fazendo com que o administrador revise seus planejamentos financeiros jurídicos e particulares, adequando-se a esta nova realidade da lucratividade.

## 5. Considerações Finais.

Nota-se que a decisão do destino dos lucros gerados é uma importante tarefa das finanças corporativas e que reflete na saúde financeira das organizações. A determinação de quando e quanto distribuir necessita estar embasada em planejamento financeiro eficaz.

As empresas pesquisadas decidem o destino dos lucros de forma consciente e prudente, empresas com menos tempo de vida priorizam pela retenção dos lucros e as empresas com certo tempo de vida distribuem lucros, mas retém parte dele. Além dos fatores determinantes na decisão pela distribuição dos lucros apontados na revisão de literatura, com a pesquisa observou-se que o ramo de atividade e o tempo de existência também influenciam esta decisão. Dentre as empresas que retém lucros, essas optam por reinvestir em capital de giro e na estrutura da organização.



A pesquisa apontou que as empresas envolvidas que possuem faturamento baixo preferem reinvestir os lucros gerados e não distribuir aos sócios, com o intuito de melhorar seu capital de giro e a estrutura organizacional, fortalecendo-se assim, para sobreviver diante o mercado globalizado que se encontram. Destaca-se também, que empresas com maior tempo de existência possuem maior faturamento, mas não pode-se afirmar que é sinônimo de maior lucratividade pois ao realizar o cruzamento dos dados observou-se uma diversidade de percentuais de lucratividade, alguns mais elevados, outros mais baixos.

Ocorre uma diversidade de escolhas na periodicidade de distribuição de lucros pelas empresas pesquisadas, concluindo-se que esta escolha é tomada pela conveniência de cada empresa.

As empresas que distribuem uma parte dos lucros e outra parte retêm na organização, apontaram dois fatores determinantes para a decisão de distribuir ou não os lucros: necessidade dos sócios e a real lucratividade da empresa no período. Já nas empresas que optaram por somente reinvestir os lucros gerados na própria organização, apontam os fatores: necessidade dos sócios e endividamento, demonstrando preocupação com a capacidade de pagamento de suas obrigações.

Diante do exposto, observa-se que o objetivo da pesquisa foi atingido, deixando como recomendação para estudos futuros a comparação desses dados com números de outras regiões, com o intuito de verificar se o fator da cultura regional também influencia na decisão do destino dos lucros gerados.

#### Referências.

ALMEIDA, Luís António Gomes; *et al.* Efeito Subprime na Distribuição de Dividendos em Portugal. FUMEC/FACE, 2015, Portugal.

AMBROZINI, Marcelo Augusto. **Políticas de Dividendos no Brasil: Um Modelo de Apoio à Decisão.** Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2011.

AMOS, Orley; AMOS, Randall. **Corporate Profits Distribution**, AmosWEB Encyclonomic WEB\*pedia, <http://www.AmosWEB.com>, AmosWEB LLC, 2000-2015. [Accessed: November 24, 2015].

ASSAF NETO, Alexander. **Finanças corporativas e valor.** 3ª ed. São Paulo: Atlas, 2007.

BARBOSA, Antonio Carlos; CRUZ, Sidney. **Aumento do Capital ou Distribuição do Lucro.** BW Educacional. Ano XII, N.43, 2010.

BRAGA, Viviane Chunques Gervasoni; BRAGA, Eduardo. **O Reinvestimento do Lucro Proporcionando Aumento na Rentabilidade do Acionista Brasileiro nos Setores de Siderurgia, Metalurgia, Papel e Celulose, Bebidas e Fumo, no Período de 2002 a 2006.** Faculdades Integradas Tiberiá, São Paulo, 2007.

DÉCOURT, Roberto Frota. **O Processo Decisório da Distribuição de Lucros das Empresas Listadas na Bovespa.** UFRS. Porto Alegre, 2009.

FERNANDES, Francisco Luiz. **Lucro Ético.** Revista Âmbito Jurídico, Rio Grande, XII, N.69, 2009.

GALHARDO, Maurício. **Como Reinvestir o Lucro**. Praxis Business, MG, 2010, in: [www.praxisbusiness.com.br/wp-content/uploads/2012/09/como-reinvestir-o-lucro-mg-jun2012.pdf](http://www.praxisbusiness.com.br/wp-content/uploads/2012/09/como-reinvestir-o-lucro-mg-jun2012.pdf)

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOODE, Willian; HATT, Paul. **Métodos em pesquisa social**. São Paulo: Nacional, 1973.

KLANN, Roberto Carlos; *et al.* **O Impacto do não Reconhecimento da Inflação nas Demonstrações Contábeis na Distribuição de Dividendos**. Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade, Ano 1, N.1, 2007.

MALBAR, Saulo. Reinvestimento de Lucro: crescimento econômico de seu negócio. Sebrae Mais, 2013, in: <http://www.folhavoria.com.br/entretenimento/blogs/interacao/2013/08/02/reinvestimento-de-lucro-crescimento-economico-do-seu-negocio/>

MARTINS, Orleans Silva; *et al.* **Uma Investigação Sobre a Relação Entre Reinvestimento e Rentabilidade na Agregação de Valor às Empresas**: um estudo comparativo de dois bancos brasileiros. Revista de Informação Contábil. Vol. 3, N.1, 2009.

RAYZER, Antonio Aparecido. **Capital de Giro**: a importância de sua gestão nas empresas, Faculdade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

RICHARDSON, Roberto Jarry; *et al.* **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

ROBERT, Bruno. **Apuração, Declaração e Pagamento do Dividendo Mínimo Obrigatório nas Companhias Brasileiras**. Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Dissertação de Mestrado, São Paulo, 2009.

SANTINI, Sidineia; *et al.* **Fatores de Mortalidade em Micro e Pequenas Empresas**: um estudo na região central do Rio Grande do Sul. Revista Eletrônica de Estratégias & Negócios. UNISUL, 2015.

SCHAEFFER, Charles A.; *et al.* **A Guide to Starting a Business in Minnesota**. Minnesota Department of Employment and Economic Development, 38<sup>a</sup> ed. Minnesota, 2010.

SEBRAE-SP. **Causa Mortis**: O sucesso e o fracasso das empresas nos primeiros 5 anos de vida. São Paulo, 2014.

SOCIO, Antonio de; *et al.* **Financial Structure and Profitability of European Companies**. Bach Outlook, 2014.